

**REVISTA
DO
MUSEU PAULISTA**

NOVA SÉRIE
VOLUME VII



SÃO PAULO
1953

A PESCA TRADICIONAL DO PIRARUCU ENTRE OS ÍNDIOS KARAJÁ

por

HARALD SCHULTZ

• O pirarucu constitui o alimento animal de maior importância para os atuais índios Karajá. É o maior entre os peixes fluviais, de escamas, do Brasil. Vive de preferência nos numerosos lagos das margens do Araguaia e de todos os tributários do Amazonas.

Em vários autores lemos a explicação do seu nome como sendo: *Pirá*: peixe, e *urucu*: vermelho (da matéria corante geralmente usada pelos nossos indígenas e obtida das sementes de urucuzeiro — *Bixa orellana*).

Fritz Krause, em sua obra *In den Wildnissen Brasiliens*, afirma que o pirarucu atinge três a quatro metros de comprimento. Até hoje, entretanto, nunca me foi possível observar exemplares com mais de dois metros de comprimento. Por isto concordo antes com as observações relatadas por Agenor Couto de Magalhães, não querendo negar, porém, que antigamente pudesse ter havido pirarucus maiores do que os pescados atualmente.

Em sua obra *Monographia Brasileira dos Peixes Fluviais* (1931) Agenor Couto de Magalhães escreve, à pg. 172: "Com três denominações aparece o pirarucú no mundo científico. Encontramos o mesmo peixe classificado por *Vastres gigas*, *Sudis gigas* e *Arapaima gigas*.

"O determinativo, porém, de gigante, ninguém ousou impugnar porque, diante das grandes proporções de um peixe como o pirarucú, o unico adjectivo que póde traduzir a verdadeira impressão que o animal causa é aquele conservado pelos naturalistas.

"O pirarucú é, com efeito, o gigante de escamas das aguas dôces do Brasil."

E linhas adiante: "As suas avantajadas dimensões e peso chegam a atingir os seguintes números: 1m75 de comprimento, da ponta do focinho à extremidade da cauda; 45 cents., de diametro na parte mais volumosa do corpo e 80 kgs. de peso bruto; ha autores que lhe dão proporções extraordinárias, porém, fogem elas tanto da verdade que me abstenho de aqui as mencionar."

Os Karajá utilizam-se de três métodos para abater o pirarucu. Um deles consiste em arpoar o peixe com arpão de aço, colocado numa haste de madeira e prêso por um cordel que, ao atingir o animal se desenrola, deixando o peixe ferido fugir em corrida vertiginosa sem, entretanto, escapar, pois a outra extremidade da corda é prêsa à embarcação ou a uma bóia. O peixe se cansa facilmente, é rebocado até a margem e lá morto a machadadas.

Esta pesca é sempre feita por dois índios: o arpoador — que fica em pé na proa da ubá, fazendo sinais com os dedos ou com a mão esquerda, mantendo na direita o arpão, pronto para ser arremessado — e o remador, que obedece aos sinais do primeiro.

Algumas vezes os Karajá matam o pirarucu a flechadas, em grupo, tratando-se, então, de espécimens menores.

A pesca tradicional do pirarucu parece ser aquela em que se utiliza uma rêde especial, cujas dimensões são, hoje, mais ou menos de 1 por 6 metros, com malhas de vinte a trinta centímetros de diâmetro.

Fritz Krause (o. c.) observou, em 1908, rêdes muito diferentes. À página 250, o pesquisador alemão escreve: “Ao lado da pesca unitária de peixes, dedicam-se à pescaria em grande escala. Para êste fim utilizam-se de rêdes enodadas de fio de algodão ou de embira. Suas dimensões variam muito, dependendo isto de sua finalidade. A rêde (lodé) reproduzida na figura 3, da prancha 54, é feita de embira e mêde 10 centímetros por 10,35 metros. A figura 85 demonstra o sistema de enodação usado na confecção da rêde de pescar pirarucus (däolälú); ela tem uma extensão das malhas de 25 centímetros e a grossura dos fios de 1/2 centímetro. A maior rêde que tenho visto estava estendida num banco de areia no rio Tapirapé, perto da boca d’um lago; ela tinha seis metros de largura e 160 metros (!) de comprimento”.

Os Karajá não mais possuem rêdes imensas como as que Fritz Krause viu. E’ provável que seu uso dependesse da colaboração de indivíduos em número maior do que existe hoje na maioria das aldeias.

A rêde usada na pesca do pirarucu é confeccionada da entrecasca da imbaubeira, abundante nas margens do rio Araguaia. A grossura do cordel e o diâmetro das malhas são idênticos aos observados por Fritz Krause na rêde grande.

A pesca do pirarucu com rêdes requer sempre a colaboração de vários índios e é repetida com intervalos de alguns dias ou diariamente.

Como foi dito acima, o pirarucu é o principal alimento animal dos índios Karajá e não pode faltar nos dias da dança de Aruanã, realizada pelos homens da aldeia.

Em fins de dezembro de 1952 assisti, na aldeia de Crisóstomo (pronunciado, na região, "Crisosti"), não muito longe da foz do rio Tapiraré, a uma pesca realizada por sete índios Karajá.

Era manhã de um dia nublado. As águas de enchente do rio Araguaia lavaram e cobriram as praias. Os rapazes e homens estenderam duas rêdes para pesca do pirarucu na parte alta da praia, na areia. As dimensões das duas rêdes eram idênticas, cêrca de um por seis metros. Em cada 56 a 60 centímetros ataram pequenas estacas, cuja finalidade era manter a rêde aberta. Nas duas extremidades foram colocadas varas flexíveis de 3,5 metros de comprimento.

Terminados êstes preparativos enrolam cuidadosamente as rêdes. Dois rapazes levaram-nas ao pôrto da aldeia, ao longo do banco de areia que ainda emergia do rio Araguaia. Partimos em quatro ubás. Numa das embarcações levaram um arpão, montado em comprida haste e prêso a uma corda de confecção industrial brasileira. Na proa das ubás, um tição protegido por uma cabaça emborcada ou um pedaço de casca de árvore.

Nos rasos, as ubás eram levadas a varejão, e nas águas fundas a remo.

Mal partimos, desabou forte chuva sôbre os índios nus ou vestidos de camisa e calça. Sempre viajando debaixo do aguaceiro alcançamos em meia hora a entrada estreita d'um lago. Encostamos no barranco, debaixo da copa densa d'uma árvore, que nos fazia sentir menos a intensidade da chuva.

A pouca distância aparecia a cabeça dum enorme jacaré prêto (*Caiman niger*), o maior dos águas amazônicas. Tal é a perseguição contra êstes sáurios por índios e civilizados que quando levantei o cano do rifle o animal logo submergiu.

Densa vegetação de capim flutuante forrava ambas as margens do canal, que devia medir uns vinte a vinte e cinco metros de lado a lado. Perto dêste capim, já no canal de água livre, ouvimos um borbulhar forte, um redemoinho d'água — os sinais d'um pirarucu que veio à tona para respirar ar atmosférico, como é do seu costume. E' questão de segundos o ato de boiar, respirar e afundar novamente, principalmente quando o peixe sente a presença de homens.

O índio Huriare, que me acompanhou da aldeia de Santa Isabel como guia e intérprete, afirmou a respeito: "Quando o pirarucu vem à flor d'água, abre a bôca e chupa ar; mas às vêzes demora muito para voltar". (O informante estala os dedos para dar ênfase à sua afirmação.)

A presença do peixe foi o sinal para que os índios comessem os preparativos da pesca. Conversaram entre si em seu idioma e resolveram tentar a pesca logo ali.

Dois rapazes nadaram com uma rêde para o lado oposto ao canal. Lá chegando mergulharam ao mesmo tempo, levando para o fundo lodoso as estacas compridas das extremidades da rêde, fincando-as. Outros homens e rapazes em sucessivos mergulhos fincaram no fundo do lago uma por uma as estacas da rêde, insistindo nesses mergulhos exaustivos até que tôdas estivessem bem afixadas. Em seguida procederam da mesma maneira com a segunda rêde, que foi colocada de maneira a fechar a continuação da primeira e fechar completamente o canal.

Os preparativos duraram uns vinte minutos. A profundidade do canal, segundo podia deduzir-se das estacas compridas, devia medir entre 2,5 a 3 metros.

Depois de estendidas as rêdes, duas canoas tripuladas uma por dois e outra por um único índio, afastaram-se, lago adentro, mais de cem metros de distância. Em seguida começaram a voltar lentamente. O proeiro dava um impulso ao barco com o varejão, puxava-o para cima e batia-o violentamente de comprido sôbre a água, afundando-o para novo impulso, usando uma vez a ponta, outra vez a extremidade grossa para fincá-la no fundo. O outro índio dirigia com o remo.

Na outra ubá o único tripulante impulsionava a embarcação e ao mesmo tempo chicoteava as águas com o varejão. De longe ouviam-se as batidas que levantavam ondas e faziam espirrar a água para tôdas as direções.

Quatro rapazes aguardavam nas extremidades das rêdes: dois no meio do canal, nadando, dois nas margens, em pé numa ubá.

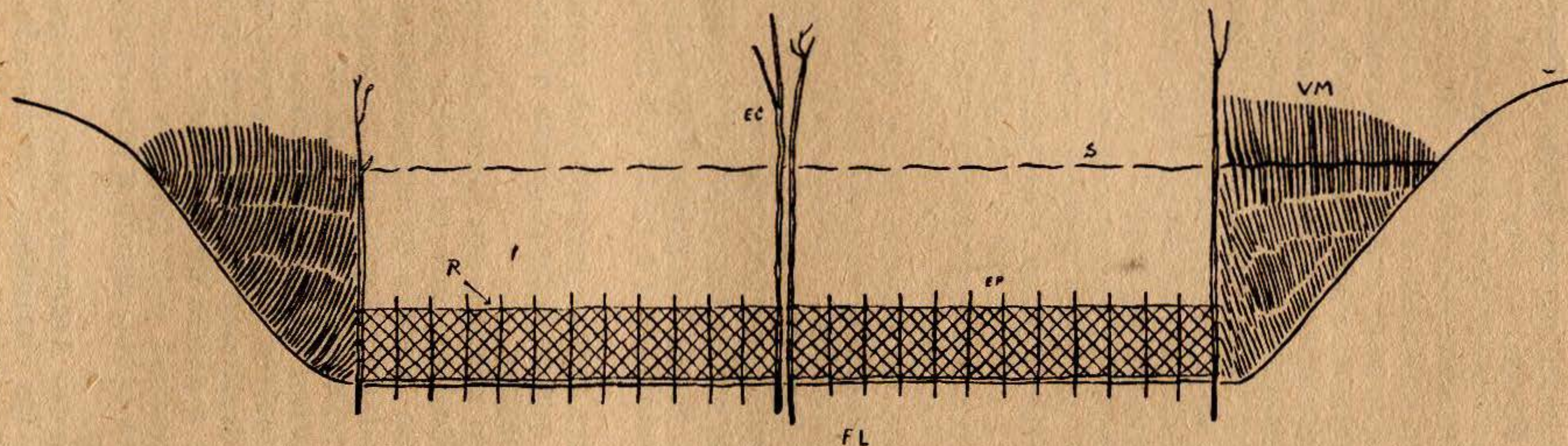
Assustado pelo barulho, o pirarucu se refugiou no fundo do lago. As ubás aproximaram-se vagrosamente e alcançaram as rêdes sem que nada tivesse acontecido.

Repetiram a façanha, partindo as ubás para chicotear as águas do lado oposto, com o mesmo resultado negativo.

Houve, então, uma interrupção na pescaria. Ouviu-se o bater d'um machado e logo os índios fizeram uma fogueira, que dentro em pouco se tornou imensa e ao redor da qual todos se aqueceram.

Um dos homens mais velhos seguiu só numa embarcação, lago adentro, para observar o paradeiro de pirarucus. Voltou depois de busca demorada com a notícia de ter encontrado um lugar propício para a rêde.

A chuva diminuiu e todos seguiram até um canal ainda mais estreito que dava para uma das muitas bacias do lago.



Esquema demonstrativo da colocação da rêde no fundo do lago:

EC – Es'acas compridas nas extremidades das rêdes

EP – Estacas curtas, cuja finalidade é manter abertas as rêdes.

FL – Fundo do lago

R – Rêde para pescar pirarucus

S – Superfície d'agua

VM – Vegetação flutuante das margens

A rêde fecha totalmente o fundo do lago.

As varas flexiveis, amarradas nas extremidades de cada rêde, revelam, pela trepidação, a entrada do peixe

As estacas curtas mantêm a rêde presa ao fundo.

Ali as duas rêdes foram colocadas paralelamente no fundo do lago, como medida de segurança.

As canoas afastaram-se para chicotear as águas e fazer com que o peixe se deslocasse em direção às rêdes.

Passados alguns minutos, observou-se que uma das estacas compridas, colocadas em cada extremidade da rêde, sacudia — sinal de que o peixe tinha entrado.

A um grito de alarma o índio que se encontrava mais próximo atirou-se n'água e voltou puxando para a margem a extremidade da rêde. Neste momento um grande pirarucu pulou em cima d'água, parecendo desaparecer nas águas turvas na direção da segunda rêde. Mas o índio que a puxava com fôrça, mergulhou em perseguição ao peixe, que arrastou consigo a rêde, arrancada, pela sua fôrça, do fundo do lago onde estava afixada com as estacas cravadas no lodo.

Voltando à tona, aos gritos do índio, aproximou-se outro, munido de machado e quando o primeiro Karajá emergiu novamente, abraçava violentamente o peixe, que tinha seu próprio tamanho, levantando-lhe a cabeça até a flor d'água, onde era recebido com decididos e mortais golpes de machado.

A cabeça relativamente esguia do imenso peixe estava prêsa numa das malhas da rêde comprida, da qual não tinha conseguido livrar-se, arrastando-a até ser aprisionado corpo a corpo pelo índio, que com braços vigorosos e usando de seu próprio pêso agarrou-se ao peixe, immobilizando-o.

Afirmam os índios Karajá que, em certas ocasiões, o mergulhador, ao agarrar um pirarucu prêso nas malhas da rêde, é por êste levado longe, sempre cavalgando o peixe em fuga, até cansá-lo.

Morto, o peixe foi rebocado para terra e logo puxado para dentro da ubá de um índio velho, que só acompanhava a pesca, ocupando-se de pequenos trabalhos.

As canoas entraram mais lago adentro em busca de um casal de pirarucus "paridos" (filhotes), que os índios pretendiam arpoar, sem que tivessem a sorte de encontrá-los.

A tarde voltamos à aldeia. O peixe foi depositado na praia, esfolado e cortado em tiras. Um índio velho ocupou-se da tarefa de distribuição da carne. Cortou as tiras em cubos de mais ou menos dez por dez centímetros, jogando os pedaços em montículos na própria areia, destinados a cada uma das quatro casas de que se compunha a aldeia de "Crisosti".

Sem demonstrar interêsse especial pelo fato, os moradores retiraram o quinhão que lhes cabia, dando a impressão de que a fartura era muito natural.

Nos últimos anos, também no rio Araguaia tem sido incrementada a pesca do pirarucu. Os chamados "mariscadores" frequentam o rio, engajando os índios para o trabalho de

arpoar e preparar os peixes. Como em outras regiões, no médio Araguaia isto tem contribuído para a diminuição do número destes peixes, tão importantes para a alimentação do índio.

O Serviço de Proteção aos Índios fêz uma tentativa de industrializar a pesca do pirarucu, encarregando os próprios índios Karajá da pesca e preparo da carne salgada do peixe, isto é, os habitantes das aldeias Santa Isabel e Fontoura.

O peixe salgado é transportado em avião militar para o Rio de Janeiro e lá pôsto à venda. O produto financeiro, descontadas as despesas do sal, é entregue diretamente ao pescador.

Nesta pesca os índios utilizam-se quase que exclusivamente do arpão de aço.

Infelizmente nem índios nem "civilizados" respeitam a época da procriação do pirarucu, matando com a eliminação dos pais grande número de filhotes pois, sem os seus protetores, são devorados imediatamente por piranhas, surubins e pássaros.

E' de prever-se, pois, que no rio Araguaia haja escassez de pirarucu nas próximas décadas.

SUMMARY

The author describes the method of the Karajá Indians fishing the pirarucu by means of a net. In his opinion this device of fishing the largest fluvial scale fish of Brazil is the tradicional method among these Indians of the Araguaya river.